

UM GUARDA-SOL NA NOITE

Ela cometera seu crime há mais de duas horas e ainda caminhava na praia deserta, ora chapinhando na água morna, ora pisando na areia úmida e macia. A lua crescente, prestes a desaparecer sob as nuvens da tempestade próxima, deixava entrever siris assustados correndo para suas tocas e um ou outro peixe brilhando entre as ondas. Às suas costas, sumiam as luzes do último vilarejo, o terceiro desde que iniciara sua caminhada errante. Um vento quente sacudia o vestido branco e o cabelo longo.

Tinha visto há pouco o piscar de algum navio, quando topou com o grande guarda-sol. Fincado na areia, jogando suas cores em arco-íris para o escuro e para ninguém, balançava-se solitário e sem dono.

Olhou para os lados. Nada senão o vaivém das ondas. A tempestade não tardava, e o guarda-sol assomava-se violento à sua frente, como um aviso para que além dali não fosse.

Foi para a sombra que o guarda-sol projetava na areia branca — uma sombra pálida que a lua proporcionava. Quem,

afinal, era o inexplicado – ela a caminhar sem rumo e sem saída na noite vazia ou aquele guarda-sol a esperá-la como num encontro previamente acertado?

O vento então parou, as nuvens terminaram de cobrir a lua e um raio caiu no mar. Ela sentou-se sob o guarda-sol e acendeu um cigarro. Sentiu nos lábios o sal que poderia ser de uma lágrima ou de um pedaço daquele oceano. Não importava. Porque encontrara ali seu ocaso e seu destino.